

VALORIZAR SOCIALMENTE O DESPORTO:
UM DESÍGNIO NACIONAL

18

DISCURSOS E INTERVENÇÕES

2023





DISCURSOS E INTERVENÇÕES

2023



ÍNDICE

1. NOTA INTRODUTÓRIA	5
2. CERIMÓNIA DE ATRIBUIÇÃO DA MEDALHA DE MÉRITO DESPORTIVO DO MUNICÍPIO DE LISBOA	6
2.1 DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA, CARLOS MOEDAS	8
2.2 DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL, JOSÉ MANUEL CONSTANTINO	11
3. CELEBRAÇÃO OLÍMPICA	14
3.1 DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL, JOSÉ MANUEL CONSTANTINO	16
4. CERIMÓNIA DE ENTREGA DO TÍTULO DE DOUTOR <i>HONORIS CAUSA</i> PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA A JOSÉ MANUEL CONSTANTINO	20
4.1 DISCURSO DE APRESENTAÇÃO COMO PADRINHO DO DOUTORAMENTO <i>HONORIS CAUSA</i> DO PROFESSOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO, PROFERIDO PELO PROFESSOR DOUTOR CARLOS NETO	22
4.2 DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL, JOSÉ MANUEL CONSTANTINO	33
4.3 DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, MARCELO REBELO DE SOUSA	42

Projetar o desporto como bem público de inestimável relevância para o desenvolvimento cultural, educativo, económico e político do País tem sido o propósito mobilizador da ação do Comité Olímpico de Portugal ao longo da última década, no desígnio de valorizar socialmente o desporto.

Os textos reunidos nesta publicação expressam alguns dos desafios para retirar o desporto, as suas organizações, atores e parceiros da condição periférica onde ainda se situam e colocá-lo em patamares de relevância institucional e parte da agenda política do País, lado a lado com outras políticas e direitos sociais igualmente consagrados na nossa Constituição.

Pela sua proximidade temporal e sentido crítico das intervenções – onde se destaca a do Senhor Presidente da República – os discursos ora compilados de três cerimónias que, no final de 2023, distinguiram o papel do Olimpismo e o serviço prestado pelo Comité Olímpico de Portugal na valorização social do desporto, apresentam contributos, expõem perspetivas de análise, elencam vulnerabilidades e enunciam fatores críticos de desenvolvimento cuja relevância se entende oportuno compilar nesta edição.

**CERIMÓNIA DE ATRIBUIÇÃO
DA MEDALHA
DE MÉRITO DESPORTIVO
DO MUNICÍPIO DE LISBOA**

02 NOV 2023

2



2.1

DISCURSO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

CARLOS MOEDAS

Muito boa tarde a todos. Senhor Professor José Manuel Constantino. Senhor Presidente da Junta. Senhor Vereador do Desporto. Senhoras e senhores convidados. Amigas e amigos.

Tudo tem o seu tempo. Diz um livro antigo e parece que é mesmo assim. Esperámos este momento durante muito tempo, mas hoje chegou finalmente o dia. Chegou finalmente o dia de fazer justiça e homenagear uma figura ímpar do nosso País, o nosso Presidente do Comité Olímpico de Portugal, o Professor José Manuel Constantino.

Um atleta desde a sua juventude e um grande dirigente desportivo ao longo da sua vida, mas também um homem comprometido com a causa pública, que apesar do seu precoce desencanto pelo que dela foi feito nunca deixou de ter uma voz própria. E é essa voz, essa voz, Senhor Professor, que homenageamos, essa voz que o tornou por direito próprio num porta-voz daquilo que o transcende, que se tornou porta-voz da causa do desporto em Portugal. Fez-se a voz do desporto, desde logo pelo exemplo que deixou na educação.

Foi aqui em Lisboa, onde estudou, vindo do seu Ribatejo, que encontrou, como tantos outros da sua geração, um mundo diferente, um mundo onde efervesciam as lutas estudantis, os efeitos de maio de 68 em França, a oposição ao regime cada vez mais anacrónico. Solidarizou-se com estas lutas, participou em alguns episódios, como era comum aos estudantes dos finais dos anos 60 e início dos 70 e do velho Instituto Nacional de Educação Física, passou de estudante a professor. Primeiro professor de Educação Física durante mais de 10 anos. Depois professor universitário durante quase uma década, onde marcou várias gerações de estudantes em Lisboa, sempre com o mesmo intuito – fazer do desporto uma peça central da educação e do desenvolvimento pessoal, tal e qual como tantos outros, tal e qual como nos ensinaram os livros da antiguidade, de que o desporto é uma das chaves da educação.

E José Manuel Constantino foi essa voz do desporto na educação, e foi por isto justamente homenageado, distinguido por várias instituições do ensino superior português. Mas foi mais do que isso. José Manuel Constantino tornou-se esta voz do desporto também na sociedade, passou do campo da educação para o campo mais alargado da sociedade civil. Aqui partilhou e partilha de grandes responsabilidades. Aqui trilhou um caminho sem igual. Foi Presidente da Confederação do Desporto e do Instituto do Desporto de Portugal. Foi membro do Conselho Superior do Desporto e muito mais. Nesse muito mais está o Comité Olímpico de Portugal, do qual é Presidente há 10 anos e onde alcançou uma conquista sem precedentes. Sim, quatro medalhas [em Tóquio 2020] para atletas portugueses. Senhor professor, estão a chegar os próximos Jogos Olímpicos e aqui estivemos os dois a falar antes desta reunião. Sabemos o que está a fazer. Sabemos aquilo em que podemos confiar em si e pode contar connosco para que os nossos atletas alcancem outro resultado histórico.

Mas José Manuel Constantino foi ainda mais do que isto, porque José Manuel Constantino não foi só esta voz do desporto na educação, esta voz do desporto na sociedade, mas foi também porta-voz do desporto na política, ou melhor, tornou-se a voz das reivindicações diante dos políticos. Por vezes é uma voz incómoda. E eu que o diga. Mas é uma voz boa, uma voz de alguém que genuinamente acredita, que diz por bem. Quando ataca e quando diz, é porque o sente e sempre com o desporto no seu coração. Aponta aos políticos aquilo que eles não fazem, aquilo que deviam fazer. O Senhor Professor foi a voz daqueles que vêem na atual assimetria do desporto uma clara injustiça, daqueles que sabem que a política não pode legislar em função daquilo que é dominante, mas sim apoiar aqueles que não têm tanta atenção mediática e isso tem sido a sua vida, porque é fundamental lutar para que não haja um desporto de primeira e um desporto de segunda.

Mas a sua voz também nos toca mais fundo. Quando aponta que o falhanço das políticas do desporto está precisamente nessa própria visão dessas políticas do desporto, na forma de ver o desporto apenas como um meio para uma vida saudável ou para uma estetização do corpo, o desporto não pode ser de todo visto por estas lentes meramente terapêuticas, porque o desporto é muito mais. É a fonte do espírito de comunidade e do sentido de cidadania. E hoje, no mundo em que vivemos, fica aqui uma frase que o Senhor Professor disse e que me parece tão adequada para os momentos em que vivemos. O Senhor Professor diz

que o desporto tem que ser um promotor de normas, é um promotor de normas, de relações de confiança, de vínculos, de responsabilidade, que mobilizam os indivíduos. Que os mobilizam para alcançar objetivos partilhados. Promover o desporto é promover comunidade. E não é por acaso que Portugal, de certa forma, é um dos países em que a cultura desportiva é mais fraca, é bom vermos como essa cultura desportiva, que é mais fraca, também muitas vezes se traduz numa cidadania que não é forte como nós gostaríamos de ver. E esta relação entre a prática do desporto e a cidadania deveria ser mais estudada e mais mobilizada, como é aquilo em que o Senhor Professor acredita.

Senhor Professor, Senhoras e Senhores. Esta homenagem é, portanto, também uma homenagem a alguém cuja vida se confundiu com a defesa do desporto, do verdadeiro desporto. Daquele que é a fonte da educação, do desenvolvimento pessoal e coletivo, que é alicerce da responsabilidade e da cidadania. É essa a grande lição de José Manuel Constantino. Essa é a lição que merece a homenagem com toda a dignidade desta homenagem que aqui represento com este colar, vinda de todos os lisboetas, porque quando uso este colar represento todos os lisboetas. E esta lição merece hoje, aqui, perante todos aqueles que gostam tanto de si, Senhor Professor, que são os seus amigos de sempre, que estiveram ao seu lado, dar-lhe esta medalha única de mérito desportivo da cidade de Lisboa. Merece o reconhecimento de todos. Caro José Manuel Constantino, caro Professor, esta homenagem é sua. Muito obrigado, obrigado por aquilo que nos deu, por tudo aquilo que nos dá e por tudo aquilo que eu tenho a certeza que ainda nos vai dar. Muito obrigado, do coração, em nome de Lisboa.

DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

2.2

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. Demais elementos da vereação. Senhor Presidente da Autoridade Antidopagem de Portugal. Senhor Vice-Presidente do Comité Olímpico de Portugal. Senhor Secretário-Geral. Senhor representante do Instituto Português do Desporto e da Juventude. Senhora representante da Confederação do Desporto de Portugal. Presidentes das Federações Desportivas. Senhora Presidente da Comissão de Atletas Olímpicos. Minhas Senhoras e meus Senhores.

As minhas condições de saúde não permitem grandes intervenções, serei por isso breve. Mas quero, em primeiro lugar, dirigir uma palavra sentida de gratidão à Câmara Municipal de Lisboa e às palavras amáveis do seu Presidente. Consegui de resto ir buscar aspetos da minha vida, enquanto estudante, que geralmente estão omissos das referências que me são feitas, mas que alguns nesta sala, particularmente o Dr. Manuel Brito, conhecem bem.

Estou naturalmente muito grato à Câmara Municipal de Lisboa pela circunstância de entender que a minha ação é merecedora desta distinção. É um orgulho para o Comité Olímpico de Portugal que o seu Presidente seja distinguido desta forma. E é também motivo para mim próprio de muita satisfação por se entender que o meu trabalho nestas funções e em outras é suficiente merecedor desta distinção.

Como o Senhor Presidente da Câmara referiu, a minha voz nunca foi uma voz dócil. Eu sou professor, foi para isso que estudei, foi para isso que me preparei. E quando olho para o desporto, olho para o desporto como muito bem disse, na sua dimensão educativa, na sua dimensão formativa. Tudo aquilo que ultrapassa esse limite procuro naturalmente combatê-lo com as armas que tenho à minha disposição que é a palavra, que é a intervenção pública.

Vivemos tempos muito difíceis e muito complexos. Pierre de Coubertin, num dos seus últimos textos, receando algo que pudesse vir a ocorrer dizia que “eu e os meus companheiros de jornada não fizemos isto”, enfim o levantamento dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, “para que os interesses económicos, os interesses políticos e os interesses ideológicos a adulterassem”.

Infelizmente, as circunstâncias vieram a confirmar os seus piores receios. Creio que em 2004 o Doutor Mário Soares, numa das suas intervenções, alertou-nos para o facto de a Europa, que tinha sido construída por socialistas, por sociais-democratas, por democratas cristãos, estar a viver o perigo do neoliberalismo. E que o dinheiro e os interesses do capital comandam os destinos do mundo. O desporto não está fora, sofre também estas consequências. O desporto precisa de dinheiro para o seu desenvolvimento. E para isso existem as políticas públicas. Mas o desporto não pode resguardar a sua mensagem educativa e formativa se viver exclusivamente para ganhar dinheiro.

E este é o drama que hoje vivem muitas organizações desportivas, condicionadas, por um lado, por uma enorme pressão social e económica e, por outro lado, na minha perspetiva, por um défice das políticas públicas do ponto de vista do seu financiamento. Oxalá as coisas possam mudar, oxalá as coisas possam alterar-se. Enquanto puder e tiver forças darei o meu contributo para essa alteração. Sendo certo que não o faço exclusivamente pela minha relação apaixonada pelo desporto. Faço-o como português. Porque, como lembrava o Doutor Francisco Sá Carneiro, acima de todos nós está Portugal. E é Portugal que deve nortear as nossas orientações e as nossas preocupações.

Permita-me, Senhor Presidente da Câmara, que, renovando os agradecimentos por esta distinção e por esta homenagem, partilhe e partilhe sobretudo na sua autarquia este prémio com as centenas de dirigentes desportivos benévolos que sustentam a atividade desportiva nacional, e que o Senhor sabe tão bem quanto eu a importância que têm nesta cidade. São eles que aguentam isto, são eles que mantêm isto a funcionar. Portanto, entendo nesta circunstância, eu que também sou um agente desportivo benévolo, entendo que devo partilhar com todos aqueles, que como eu, procuram dar o melhor de si para que nós sejamos um País mais forte, mais desenvolvido e desportivamente mais ativo. Muito obrigado.



CELEBRAÇÃO OLÍMPICA

SUD LISBOA HALL
16 NOV 2023

3



3.1

DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Caros convidados,

Para todos aqueles que acompanharam anteriores Celebrações Olímpicas recordam-se que foi pouco o tempo que ocupámos a valorizar o que fizemos.

Falámos mais do que precisamos de fazer.

A nossa intervenção neste espaço procurou escolher temas de uma perspetiva cultural do desporto, uma visão progressista do seu potencial e importância social, e do papel das políticas públicas nesses desígnios.

Nos dias de hoje estas práticas de não nos autoelogiarmos por aquilo que fizemos seriam reprovadas perante qualquer estratégia de comunicação, que amiúde o é pura publicidade, que alimenta a “sociedade do espetáculo” em que vivemos, desprovida de valores, e onde os fins parecem justificar todos os meios.

Deixamos a avaliação do que fazemos a quem o nosso trabalho se dirige sem necessidade de lhe acrescentar algo mais e aproveitamos este tempo para falar do desporto e dos desafios que Portugal enfrenta.

Esta cerimónia reúne a família olímpica portuguesa na celebração do mérito e da excelência daqueles que mais se distinguiram durante um ano particularmente conturbado, cujas circunstâncias terão inevitável impacto na preparação e organização dos Jogos Olímpicos de Paris 2024.

Num ano exigente começamos por reconhecer aqueles que efetivamente se distinguiram, tornando-se campeões do mundo no escalão absoluto da sua modalidade olímpica, e assim alcançando o pináculo nas suas disciplinas, acalentando fundadas esperanças que o possam repetir em Paris.

Campeões do Mundo, em modalidades olímpicas. O topo a que um atleta ou equipa podem aspirar e, nessa medida, num patamar distinto dos demais no respeito e reconhecimento que lhes devemos, particularmente num País com apenas cinco campeões olímpicos.

Mas distinguem-se também personalidades cujos serviços prestados ao desporto o projetaram de uma condição periférica, e ao longo de uma vida e profícua carreira souberam dar testemunho da sua inestimável importância social.

Volvidos doze anos, os Jogos Olímpicos regressam à Europa, e a uma das cidades mais emblemáticas na história contemporânea de Portugal.

De lá regressaram aqueles que resgataram o País da ditadura e fundaram o regime democrático.

Para lá partiram gerações de portugueses na esperança de um futuro melhor, e por lá continuam naquela cidade onde reside a maior comunidade portuguesa no estrangeiro.

Temos entre nós o Presidente dos Comitês Olímpicos Europeus, Spyros Capralos, o líder eleito pelos Comitês Olímpicos Nacionais europeus, cuja Comissão Executiva que preside é integrada por um português, para lhe manifestar o nosso compromisso intransigente em reforçar a presença e a importância de Portugal na esfera desportiva internacional, contribuindo para fortalecer o papel do nosso continente nas mais relevantes dimensões de desenvolvimento desportivo.

Temos um compromisso com as metas e objetivos desportivos traçados com o Governo no âmbito do Programa de Preparação Olímpica, e assim

junto dos portugueses. Sustentando o sucesso alcançado em Tóquio.

Mas também temos, no plano institucional, um compromisso com a numerosa comunidade portuguesa em Paris que, na Casa de Portugal, encontrará na Cidade Luz um espaço de comunhão da cultura lusófona, de conhecimento do mercado empresarial de origem portuguesa em França, vibrando com o desempenho dos nossos atletas.

Por fim – não menos importante e não menos exigente – a reunião de toda a família olímpica mundial acontecerá no final de 2024 em Cascais, na Assembleia Geral da Associação de Comitês Olímpicos Nacionais, onde os mais de mil delegados terão na agenda a análise e o rescaldo dos Jogos Olímpicos e a distinção dos melhores atletas e equipas em Paris.

Sabemos a responsabilidade de, neste ciclo olímpico mais curto, dar continuidade ao sucesso dos Jogos Olímpicos de Tóquio, alcançando resultados de topo em competições de referência que permitam concretizar este propósito.

Sabemos que, pese embora os resultados alcançados em diversos projetos e ações sob a gestão do COP ao longo dos anos, reconhecidos no prestígio e reputação granjeados pela organização, e aqueles que a servem e representam, em diversas instâncias, nomeadamente no seio do Movimento Olímpico, será pelos resultados dos Jogos Olímpicos que a governação do COP será avaliada.

Conhecemos, há muito, as regras do jogo. Sabemos que os resultados meritórios alcançados em Tóquio, e o aumento de recursos ao dispor do Programa de Preparação Olímpica, não alteram súbita e significativamente as fragilidades da situação desportiva nacional, como atestam os mais diversos estudos e indicadores estatísticos que expressam o fracasso de décadas de políticas para o desporto em Portugal e a condição irrelevante de um sector com uma das mais baixas dotações no Orçamento de Estado ou do PIB per capita no contexto europeu. Terminei como comecei.

Vivemos tempos conturbados. Marcados pela escalada de conflitos armados. Pelo risco, a volatilidade e a incerteza, agravados pelo atual panorama político do País, que não auguram horizontes de esperança para o desporto nacional emergir da condição frágil e subalterna em que

subsiste. Os tempos em que a preparação dos atletas, a governação das federações desportivas e a organização dos Jogos Olímpicos têm sido marcados pelas inúmeras repercussões destes conflitos e nos quais se colocam desafios à salvaguarda dos princípios de autonomia, neutralidade, integridade e respeito pelos direitos humanos consagrados na Carta Olímpica.

Enfrentar a exigência destes desafios, mais do que superação e excelência, exige sentido de responsabilidade, rigor e compromisso para, no respeito pela diferença, esbater o que nos separa e consolidar o que nos une, deixando de lado agendas pessoais, interesses particulares ou a ânsia de protagonismo mediático estéril e inconsequente.

Sem isso não será possível reforçar os padrões de exigência que nos conferem a legitimidade acrescida para superar esta conjuntura particular ou os condicionalismos de longa data, muitos deles que nos ultrapassam, mas comprometem as ambições a que aspiramos num futuro melhor. Do atleta ao dirigente desportivo. Do clube de base ao Comité Olímpico de Portugal.

Reunimos aqui vários exemplos, alguns deles que iremos homenagear, que testemunham a capacidade dos portugueses para assumir desígnios tão ou mais exigentes.

Saibamos, pois, inspirados no seu exemplo, ter o engenho de abraçar com determinação, rigor e trabalho os propósitos que assumimos rumo ao sucesso dos objetivos com os quais nos comprometemos.

Para isso contamos com todos, e todos podem contar com o Comité Olímpico de Portugal.

**CERIMÓNIA DE ENTREGA
DO TÍTULO
DOUTOR *HONORIS CAUSA*
PELA UNIVERSIDADE DE LISBOA
A JOSÉ MANUEL CONSTANTINO**

FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA
22 NOV 2023



4.1

DISCURSO DE APRESENTAÇÃO COMO PADRINHO DO DOUTORAMENTO *HONORIS CAUSA* DO PROFESSOR JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

PROFERIDO PELO PROFESSOR DOUTOR CARLOS NETO

Sua Excelência o Presidente da República,
Senhor Professor Marcelo Rebelo de Sousa,
Magnífico Reitor da Universidade de Lisboa,
Senhor Presidente do Conselho Geral da Universidade de Lisboa,
Senhora Ministra Adjunta e dos Assuntos Parlamentares,
Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,
Senhor Secretário de Estado da Juventude e Desporto,
Senhores Deputados,
Senhores Vice-Reitores,
Senhor Presidente da Faculdade de Motricidade Humana (FMH),
Senhores Presidentes e Diretores das Escolas da Universidade de Lisboa
e de Escolas de outras Instituições do Ensino Superior,
Senhor Presidente do IPDJ,
Senhores Vereadores da Câmara Municipal de Oeiras,
Senhores Presidentes das Federações Desportivas,
e outros organismos desportivos,
Digníssimas autoridades civis e militares,
Prezados Senhores Professores e Investigadores,
Caros estudantes,
Senhores Funcionários, Técnicos e Administrativos,
Ilustres Convidados,
Minhas senhoras e meus senhores,
Meu caro amigo José Manuel Constantino,

O elogio de título honorífico de Doutor *Honoris Causa* na universidade deve ter sempre um caráter de excecionalidade. De facto, considera-se que a atribuição deste grau honorífico deve ser atribuído a pessoas com um elevado prestígio científico, pedagógico e profissional, e que se distingue com elevado mérito pelo seu percurso individual, pelos serviços prestados ao País nos planos da vida social, política e cívica. José Manuel Constantino é um desses casos, e em Boa Hora a Universidade de Lisboa e a Faculdade de Motricidade Humana decidem de forma muito justa

e oportuna propor a atribuição do Doutoramento *Honoris Causa* através dos seus órgãos Colegiais.

Estamos perante uma pessoa invulgar pelo seu talento, rigor, responsabilidade, capacidade de liderança e um ser humano com grande grandeza nos princípios éticos, profissionais e relacionais. Uma pessoa em que a utopia não é impossível e atribui uma grande importância aos afetos, emoções e tomadas de decisão que não são completamente lineares como é apanágio dos grandes pensadores. Como afirmava Emmanuel Mounier, “só existimos quando existimos para os outros” ou, como sugere José Tolentino de Mendonça, “o modo como uma grande amizade começa é misterioso. Podemos descrevê-la como um movimento de empatia que se efetiva, um laço de afeição ou de estima que se estreita, mas não sabemos explicar como é que ela se desencadeia. Irrompe em silêncio a amizade.... A linguagem da amizade é discreta e ténue. E, ao mesmo tempo, é inesquecível e impressionante”. Esta amizade que estabelecemos enquanto colegas de curso permanece até hoje, sendo uma honra pessoal ter-me sido atribuída a grande responsabilidade de proceder ao elogio do presente título honorífico que hoje vai ser atribuído pela Universidade de Lisboa no regresso à instituição em que foi formado.

Em todo o lado, José Manuel Constantino é conhecido como uma figura de prestígio nacional e decisiva na evolução do Desporto Nacional, pelo seu percurso ativo como cidadão, professor universitário, gestor notável de várias instituições públicas, capacidade extraordinária de trabalho e inovação e desenvolvimento de políticas públicas que promoveu e estendeu por vários organismos e instituições nacionais e internacionais.

Uma pessoa com uma personalidade sensível e segura, próxima e distante, atenta aos acontecimentos do mundo, de pensamento crítico e acutilante, capacidade de escrita e discurso claro, e fácil de entender, e de uma cultura não inculta do ponto de vista científico, pedagógico e profissional, conjugado com um poder notável de empatia num mundo cada vez mais apático, valorizando as coisas simples da nossa existência quotidiana.

ESTUDANTE ATIVO E HOMEM DE CULTURA

José Manuel Constantino nasceu em Santarém, a 21 de maio de 1950. É escalabitano.

Licenciado em Educação Física pelo Instituto Nacional de Educação Física

(INEF), em 1975, marcou a vida estudantil nessa época. No momento em que nos preparamos para comemorar 50 anos de democracia, a sua contribuição para a mudança da situação política em Portugal foi marcante para todos nós que vivíamos numa situação anacrónica e absurda. Recordo-me de um colega de ar preocupado, sempre com livros debaixo do braço, e sempre apaixonado pela busca da curiosidade e entusiasmo por novos conhecimentos, que pudessem abrir novos caminhos para a emergência de um novo paradigma para a área da Educação Física e Desporto. Protestava continuamente contra a pedagogia mecanicista, amarrada de pés e mãos, condenada a desenhar, no espaço restrito de um ginásio, rígidos esquemas geométricos, de dezenas de “tempos”, sem significado, sem alegria. Cansados de procurar uma razão naquele emaranhado de movimentos “cientificamente” impostos, mas nunca claramente justificados, o desporto era a hora de libertação, num salto explosivo, num pontapé triunfante, num lançamento raivoso ou preciso. E, sobretudo, no diálogo entre estudantes e professores, na sensação de estarmos mais perto, de compreendermos melhor e sair da estreiteza das exigências escolares, do mundo escolar “oficial” imposto e artificial do Estado Novo.

O impacto existente em Portugal do movimento cultural e político de Maio 68, em França foi enorme, quanto à introdução de um pensamento renovado nas universidades e movimentos de estudantes. Este movimento teve um grande impacto neste cantinho da Cruz Quebrada, com múltiplos intervenientes do então Instituto Nacional de Educação Física, mas também de uma comunidade próxima muito ativa politicamente. A reflexão e o debate passaram a fazer parte do quotidiano dos estudantes, que, com maior poder crítico, permitiu introduzir novos conceitos e referências teóricas e práticas. A introdução de literatura francófona nas áreas da pedagogia, história, antropologia física e cultural, psicologia evolutiva, biologia, psicanálise, filosofia, sociologia e política alterou definitivamente os hábitos de leitura dos estudantes e a conceção curricular da formação nas instituições existentes na época de Educação Física e Desporto. Não resisto em contar-vos dois episódios, entre muitos, vividos intensamente nessa época de luta estudantil e a necessidade de preparar as condições para a conquista de um país novo e renovado. A primeira memória centra-se nos imensos debates e reflexões que tinham lugar no INEF e as noites passadas no café Ribamar, em Algés, em companhia do José Manuel Constantino, em que se trocavam ideias, aprofundava-se o conhecimento em conjunto com outros estudantes de outras universidades e apenas era

interrompido por uma pausa para um jogo de “matraquilhos” na cave do edifício. A segunda memória teve lugar no início dos anos setenta sobre uma viagem em conjunto com outros amigos, num Fiat 600, em direto à Rua Boulevard de S. Michel, em Paris, apenas com o objetivo de adquirir livros que eram proibidos em Portugal (editoras como a Gallimard, Payout, Maspero e muitas outras), e tentar passar de forma discreta pela fronteira de Vilar Formoso no dia seguinte, numa verdadeira aventura de cidadãos ávidos de procurar informação atualizada do que se passava no mundo. Em Portugal tínhamos ainda a possibilidade de acesso na Livraria 111, no Campo Grande, cujo dono era o pai do nosso colega Manuel Brito, a uma estante de livros sujeitos a censura política.

A CRIAÇÃO DA COMISSÃO INSTALADORA

Após a revolução de abril, foi criada uma Comissão Instaladora dos Institutos Superiores de Educação Física que toma posse no Ministério de Educação e Cultura e inicia a sua atividade no dia 6 de novembro de 1974, e conclui os trabalhos em 10 de julho de 1975. Presidida por António Paula Brito, José Manuel Constantino era o representante dos alunos do INEF, entre outros membros que compunham a referida comissão.

A missão da Comissão Instaladora era complexa e num contexto político cheio de incertezas. O objetivo principal centrava-se em criar as condições adequadas de transição das escolas de Educação Física existentes em Lisboa e no Porto e a sua integração na Universidade.

A PUBLICAÇÃO DO DECRETO-LEI 675/75

Não posso deixar de referir um acontecimento especial e decisivo na preparação do Decreto-Lei 675/75, passados 48 anos após a sua publicação. No dia 26 de novembro de 1975, um dia depois do famoso dia 25 de novembro que marcou a turbulência por que passou a implementação do processo democrático em Portugal, teve lugar no Ministério da Educação e Cultura (MEC) uma reunião de trabalho para se tomar a decisão final da preparação e publicação do referido decreto-lei.

Esta reunião histórica foi polémica e conturbada, considerando o debate de questões fundamentais do conteúdo jurídico do decreto-lei, em especial o número de anos de curso, o modo de efetuar a extinção do INEF e Escolas de Instrutores de Educação Física, e a integração plena na universidade e o modelo de transição dos alunos existentes para

o novo modelo de funcionamento dos cursos dos Institutos Superiores de Educação Física.

Pudemos apurar que foram diversificadas as contribuições de várias personalidades na elaboração do decreto-lei, destacando de entre muitas as de José Esteves, Carlos Abreu, Noronha Feio, Melo Carvalho e os membros da Comissão Instaladora dos ISEF'S, com destaque para Jorge Crespo, António Paula Brito e José Manuel Constantino.

Através da publicação do Decreto-Lei n.º 675/75 no dia 3 de dezembro, foram criados o Instituto Superior de Educação Física de Lisboa e o Instituto Superior de Educação Física do Porto, e extinto o Instituto Nacional de Educação Física, a Escola de Instrutores de Educação Física de Lisboa e a Escola de Instrutores de Educação Física do Porto.

PROFESSOR

O professor José Manuel Constantino marcou os seus estudantes através da sua eloquência como orador, investigador e pensador avançado no tempo, sobre as conceções teóricas e práticas do jogo, da atividade física e do desporto, nas suas dimensões sociais, culturais e políticas. Foi professor do ensino básico (1973-1986). A sua relação com várias Universidades, em que se inclui esta instituição, esteve sempre presente ao longo dos anos e com uma presença inspiradora de transmissão de conhecimentos inovadores aos seus estudantes com dedicação às suas áreas de estudo, e baseadas na sua larga experiência profissional.

Como Professor Universitário, deixou um legado pioneiro em muitas áreas de conhecimento, nomeadamente em Organização e Desenvolvimento do Desporto, Recreação e Tempos Livres, Autarquias e Desporto – estratégias de sucesso e Formação de Dirigentes Desportivos. A gestão do Desporto e principalmente a sua experiência autárquica forneceram elementos únicos para operacionalizar um ensino e aprendizagem de grande qualidade. Não podemos esquecer também a influência que exerceram sobre a sua formação Profissionais de grande prestígio como José Maria Noronha Feio, Teotónio Lima, Melo de Carvalho e José Esteves (que viria a publicar as suas obras pioneiras e históricas: “Desporto e Estruturas Sociais” e “Racismo e Desporto”, um marco histórico na fundamentação do Desporto antes da implementação da Democracia em Portugal). Foi também membro fundador da Sociedade Portuguesa de Educação Física (1983) conjuntamente com outros docentes da FMH.

No seu “currículo vitae” encontramos muitas publicações escritas sob forma de artigos em revistas nacionais e internacionais, e várias dezenas de congressos, seminários e conferências, perseguindo sempre a divulgação dos seus ideais humanistas, resultado de uma cultura e experiência assinaláveis do ponto de vista profissional, científico, pedagógico e político. O testemunho deixado nas suas obras escritas são disso um exemplo e das quais destacamos:

- . Desporto e Municípios – políticas, práticas e programas;
- . Desporto, Política e Autarquias;
- . Um Novo Rumo para o Desporto;
- . O Espetáculo Desportivo no Mercado Global – a Internacionalização e Economia do Desporto;
- . Desporto, Geometria de Equívocos;
- . Desporto Português – Soluções Adiadas;
- . O Desporto e o Estado – Ideologias e Práticas;
- . Em Defesa do Desporto;
- . Sedentários, Obesos e Fumadores – Os Novos Marginais;
- . Desporto e Diversidade Religiosa – caminhos para a Paz;
- . Desporto, Género e Sexualidade;
- . E-Sports – O Desporto em Mudança.

Mais recentemente foi o mentor da Publicação “O Desporto, a História e a Vida – 30 Conversas com a Memória”, escrito magistralmente por Vitor Serpa, e onde através de entrevistas se dá conta da experiência de várias personalidades ligadas ao Desporto. Das palavras do apresentador do Livro e Presidente da Faculdade de Motricidade Humana, Professor Luís Sardinha, retemos uma menção especial ao Presidente do Comité Olímpico de Portugal, José Manuel Constantino, “figura presente em todos os momentos decisivos para a história mais recente da Educação Física e do Desporto em Portugal, e por ter proporcionado este acervo de memórias. É mais um contributo para a Educação Física e o Desporto. Com pundonor, sendo de registar a auto-exclusão de integrar a obra. Com humanismo, estratégia e propósito de valorização sempre presente”.

José Manuel Constantino tem sido um Conselheiro assíduo de várias universidades e recebido vários prémios e títulos honoríficos da qual destaco:

- . Comendador da Ordem do Infante Henrique pela Presidência da República (2016);
- . Título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade do Porto em 2016;

- . Medalha de Mérito Grau Ouro da Câmara Municipal de Oeiras (1996);
- . Prémio Excelência da Gestão da Faculdade de Motricidade Humana (2011);
- . Prémio Prestígio da Câmara Municipal de Oeiras (2020);
- . Medalha de Ouro da Cidade de Rio Maior (2016).

REVISTA HORIZONTE

José Manuel Constantino foi membro fundador e Coordenador Editorial da revista *Horizonte – Revista de Educação Física e Desporto*(1993). Para muitos profissionais ligados à Educação Física e Desporto, a Revista Horizonte foi muitos anos uma referência de leitura obrigatória e uma oportunidade de publicação de artigos científicos e pedagógicos para quem trabalhava em diversos contextos de intervenção e uma oportunidade para professores das Universidades Portuguesas. Trabalho árduo e competente para manter viva uma publicação durante tantos anos. Recordo com saudade as reuniões no Palácio Anjos, em Algés, e o debate e reflexão desafiante dos membros mais ativos, na seleção de artigos e discussão regular do estado de evolução da nossa área de estudo e profissional. Gostaria de destacar o papel ativo de coordenação do Professor Manuel Constantino e a participação de Teotónio Lima, Sebastião Cruz e Olímpio Coelho, entre outros. Momentos inesquecíveis. Uma Revista que ficará na História da Educação Física e Desporto, em Portugal.

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DOS ASSUNTOS SOCIAIS E CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS (1996/2002)

A sua leitura política da cultura e do desporto, aliada à sua grande experiência como professor, investigador e gestor da administração pública, deram a José Manuel Constantino a possibilidade de poder participar durante vários anos no desenvolvimento de vários projetos municipais de grande relevo no Concelho de Oeiras. Recordo também a grande ligação ao Instituto Superior de Educação Física e Faculdade de Motricidade Humana na implementação de várias parcerias, em diversas áreas científicas, e a operacionalização em ações no âmbito da atividade física e saúde, desporto infantojuvenil e apoio ao desporto de formação das populações. A sua visão de um mundo integrado, participativo e democrático, pôde então ser posto em prática a partir de uma série de projetos que fazem história na autarquia modelo de Portugal. Em parceria com Noronha Feio, um dos seus

mais próximos colaboradores, José Manuel Constantino diz a propósito do Mestre: "Noronha Feio era um homem da emoção e da paixão, mesmo quando o tribunal do tempo lhe indicava que nem tudo fica resolvido com pura paixão por muito sincera que ela seja sentida. Era um homem que precisava de viver com a ilusão. Aquilo a que outros designam como o sonho ou a utopia. Agradava e encantava os que o escutavam, naquele seu ar aristocrático, que escondia uma personalidade tímida, meiga e profundamente afetuosa. Ele é uma figura cimeira da educação física e do desporto nacional cuja dimensão está para além do tempo que viveu."

PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA EMPRESA MUNICIPAL OEIRAS VIVA (2006/2013)

Durante sete anos, José Manuel Constantino liderou de forma superior e grande competência uma das primeiras Empresas Municipais: a Oeiras Viva. Uma empresa municipal que tem como objeto social principal:

- . A gestão de atividades e prestação de serviços de interesse geral nas áreas da cultura, atividade física e desporto, lazer e tempos livres, animação cultural e promoção turística;
- . Promoção e gestão de equipamentos coletivos, municipais ou próprios, no âmbito das áreas acima mencionadas.

O aperfeiçoamento de políticas municipais ligadas à atividade física e desporto passou a constituir um projeto de grande dinâmica e participação comunitária, tendo-se lançado múltiplas infraestruturas desportivas que vieram enriquecer a prática lúdica e desportiva de toda a comunidade municipal. Também neste processo, a Faculdade de Motricidade Humana teve a oportunidade de colaborar em muitas iniciativas de carácter científico e pedagógico.

PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO DO DESPORTO DE PORTUGAL (2000/2002)

Foi também durante dois anos Presidente da Confederação do Desporto de Portugal, tendo desenvolvido um inovador trabalho de relação com o desenvolvimento desportivo e principalmente na área de formação, tentando harmonizar a vida das Federações e Associações Desportivas. Entre 2001 e 2020 exerceu as funções de Membro do Conselho Nacional de Desporto.

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO DESPORTO DE PORTUGAL

(2002/2005)

Enquanto Presidente do Instituto do Desporto de Portugal, no período de 2002 e 2005, desenvolveu um trabalho muito relevante ao Desporto Nacional. Para além da continuidade dos projetos relacionados com o Desporto para Todos, Desporto Escolar, Inclusão no Desporto, trabalhou intensamente na criação de condições para o apoio ao Desporto de Formação e Desporto de Alto Rendimento, criando as interligações necessárias de harmonização de políticas e de melhoramento das condições de prática desportiva no Centro Desportivo do Jamor e na gestão dos Centros de Alto Rendimento. Uma época de grande desenvolvimento do Desporto Nacional.

PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

(Desde 2013)

José Manuel Constantino é desde 2013 Presidente do Comité Olímpico, estando no momento a exercer este cargo de grande prestígio pela terceira vez consecutiva. O projeto programa apresentado no seu primeiro mandato é uma peça notável de natureza doutrinária quanto à sua paixão pelo Olimpismo e um documento estruturante na missão, visão e programa de desenvolvimento do Comité Olímpico de Portugal, que tem vindo a ser implementado nos últimos 10 anos. A sua postura exemplar na gestão quotidiana desta instituição de forma isenta e fundada em princípios e valores éticos e humanistas do desporto, tem sido aplaudida por toda as figuras relacionadas com o Desporto Nacional e Internacional. Remetendo-se regularmente a uma gestão do silêncio, não tem impedido de difundir as suas ideias de forma crítica e reflexiva. Relembro algumas crónicas e artigos publicados com títulos sugestivos e alusivos ao Desporto Nacional:

- . Desporto: um setor esquecido;
- . Estatísticas do Desporto quem as conhece?
- . É possível uma cultura sem desporto, não é possível um desporto sem cultura!
- . A história repete-se;
- . A despesa pública no desporto;
- . Americanização do Desporto;
- . E muitas outras crónicas.

Tem também sido exemplar as iniciativas de eventos e publicações de

natureza científica e de divulgação das ações promovidas pelo COP. O apoio aos atletas na sua preparação, condições de trabalho, financiamento e representação nos Jogos Olímpicos apresentam um grande sucesso na sua participação Olímpica. A governação coletiva e trabalho em rede que tem realizado com objetividade e responsabilidade com todas as entidades desportivas relacionadas com Associações e Federações Desportivas revelam um trabalho de grande lucidez, inteligência e iluminação na harmonização de conflitos e ultrapassagem de dificuldades conjunturais. A relação com as Universidades de forma regular, produtoras de conhecimento científico e pedagógico não foram esquecidas, assim como a divulgação dos valores olímpicos na formação dos atletas e cidadãos comuns. José Manuel Constantino, referenciando o seu prestigioso trabalho, afirma quando recebeu o prémio “SIGA Special Recognition Award”: “Eu aprendi com vários colegas de profissão a intransigência na defesa da prática desportiva e da sua importância formativa, porque o desporto ajuda as pessoas a serem seres menos imperfeitos. Temos de ser militantes de um desporto limpo de quaisquer suspeitas quanto à sua integridade.”

Também na cerimónia recente da entrega da Medalha Municipal de Mérito Desportivo da Câmara Municipal de Lisboa ao Professor José Manuel Constantino, foi afirmado que “é uma figura ímpar do nosso país”, que “marcou várias gerações em Lisboa”, sempre com o intuito de “fazer do Desporto uma peça central na educação e desenvolvimento pessoal”, tornando-se “a voz do desporto e da sociedade, enquanto presidente do Comité Olímpico de Portugal há 10 anos, e alcançou uma conquista sem precedentes: quatro medalhas de ouro”.

Também na recente discussão Pública da Lei de Bases da Atividade Física e Desporto, realizada na Faculdade de Motricidade Humana, apresentou um documento de reflexão em que destaca alguns aspetos a considerar num futuro próximo para o desporto:

- . Reforma do Estatuto do Dirigente Desportivo em Regime de Voluntariado;
- . Consolidar o estatuto do Tribunal Arbitral do Desporto (TAD);
- . Pensar em estratégias sobre a Integridade do Desporto (tolerância zero);
- . Aumentar o nível de financiamento ao Desporto;
- . Revisão do Estatuto de Utilidade Pública Desportiva.

José Manuel Constantino foi e continuará a ser uma figura incontornável e de grande cultura, prestígio e referência no desporto Nacional e Internacional.

Senhor Presidente da República, Magnífico Reitor, Minhas Senhoras e Meus Senhores, este é o resumo muito simplificado e rapidamente revisto do nosso doutor, proposto nesta cerimónia pela Universidade de Lisboa.

Neste sentido, “Magnífico Reitor, peço que seja concedido o Título de Doutor “*Honoris Causa*” pela Universidade de Lisboa a José Manuel Constantino, como reconhecimento do mérito e culto de valores fundamentais da Universidade.”

Obrigado pela vossa atenção.

DISCURSO DO PRESIDENTE DO COMITÉ OLÍMPICO DE PORTUGAL

4.2

JOSÉ MANUEL CONSTANTINO

Foi aqui, na Cruz Quebrada, onde estudei, vindo de Santarém, que encontrei, como tantos outros da minha geração, um mundo diferente, um mundo onde efervesciam as lutas estudantis, os efeitos de maio de 68 em França, a oposição ao regime cada vez mais anacrónico, as lutas dos camponeses de Alpiarça ou dos operários da margem sul.

Em Algés, no Café Ribamar, juntavam-se todas as correntes e organizações políticas revolucionárias, de luta armada ou de formato de ativismo mais pacífico. Era uma verdadeira escola de formação cívica. Alves Redol, Soeiro Pereira Gomes, Máximo Lisboa, Manuel Ferreira e os mais diferentes intelectuais tinham a sua mesa.

Os Subterrâneos de Liberdade, de Jorge Amado, era a nossa cartilha e as primeiras obras de Marx e de Engels circulavam discretamente.

Solidarizei-me com estas lutas, participei em alguns episódios, como era comum aos estudantes dos finais dos anos 60 e início dos 70, e o velho Instituto Nacional de Educação Física foi escola e palco de formação cívica.

Era o que se dizia um bom aluno. Com notas positivas elevadas. Mas sempre comprometido com a causa pública e, apesar do precoce desencanto pelo que dela foi feito, nunca deixei de ter uma voz própria.

Em julho de 1976 senti a primeira desilusão e renunciei para sempre a qualquer ativismo político partidário. Até aos dias de hoje.

Dediquei-me à minha profissão. Primeiro como professor de Educação Física, durante mais de 22 anos. Depois como professor do ensino universitário, durante quase uma década, em várias instituições, onde convivi com diferentes gerações de estudantes, sempre com o mesmo intuito

– fazer do desporto uma peça central da educação e do desenvolvimento pessoal. Mais tarde, como técnico autárquico, procurei os mesmos caminhos: garantir, de forma inovadora para a altura, o direito ao desporto para cada um.

Tive os meus mestres: José Esteves, Teotónio Lima, Celorico Moreira, José Maria Noronha Feio e Melo de Carvalho.

Com eles aprendi a estudar o desporto enquanto prática corporal socialmente construída, que se transforma e adquire significações e funções distintas em função dos diferentes atores sociais que as apropriam.

Escrevi muitas páginas, publiquei vários livros e realizei centenas de conferências. O desporto entendido como uma expressão da capacidade de rendimento corporal e que encerra um valor cultural, económico e político.

As ciências quantitativas e experimentais (a Fisiologia, a Biomecânica) e a aprendizagem motora hegemonzaram, num primeiro tempo, a compreensão do ato motor desportivo, marginalizando a investigação na área das Ciências Sociais e Humanas.

A História, a Filosofia e a Sociologia começaram por ter um papel lateral na abordagem do fenómeno desportivo, para, nos dias de hoje, ocuparem um lugar central na compreensão e interpretação da atividade desportiva tal é a sua pluridimensionalidade na forma de ver o desporto muitas vezes como um meio para uma vida saudável ou para uma estetização do corpo.

O problema é que o desporto não pode ser de todo visto por estas lentes meramente terapêuticas, porque o desporto é muito mais.

O desporto é um produto social anterior ao processo histórico. Houve momentos e comunidades onde o desporto não foi imperativo ou necessário para as sociedades. O desporto não existia.

O desporto como fenómeno cultural e aquisição social está historicamente datado no processo civilizacional.

A evolução da motricidade humana e os seus diferentes usos podem ser fundamentados numa perspetiva antropológica, mas o aparecimento

e o desenvolvimento do desporto, enquanto forma de medir e avaliar comportamentos corporais sob a regra da competição, só o podemos compreender no quadro de uma envolvente histórica, económica, sociológica e cultural.

Os valores do desporto situam-se não no plano da “motricidade” ou do corpo “espiritual”, mas do “corpo total” que encerra comportamentos com base no movimento e suscita o aparecimento de sentidos e condutas que, justamente, reivindicam uma certa dimensão cultural no modo de viver das comunidades.

Ver o desporto apenas como um meio para uma vida saudável ou para uma estetização do corpo, ou por perspectivas meramente terapêuticas, é diminuí-lo. O desporto não pode ser de todo visto apenas por estas lentes. 1894 é um momento inequívoco de uma instituição académica de referência que pretendeu afirmar o desporto e o olimpismo como elementos cruciais na formação e no desenvolvimento social.

Foi com essa visão que, na Universidade de Sorbonne, o barão Pierre de Coubertin fundou as bases do olimpismo moderno.

E anunciou o regresso da cultura milenar do olimpismo helénico naquele templo do saber académico, porque, de acordo com as palavras que proferiu nesse momento seminal, desde a Idade Média uma espécie de descrédito pairava sobre as qualidades do corpo, as quais foram progressivamente isoladas, inferiorizadas e escravizadas em relação às qualidades da mente.

Tratou-se, para ele, de um imenso erro cujas consequências científicas e sociais eram quase impossíveis de calcular. Resgatou esse erro junto das sociedades médicas e associações de professores de educação física que bem se lhe opuseram, mas que acabaram vencidas.

Os problemas da situação desportiva nacional são particularmente vulneráveis a um conjunto de ameaças que, de há longa data, enfermam o seu processo de desenvolvimento, as quais, apenas pontualmente, têm sido atenuadas.

O progresso, em diversos fatores de desenvolvimento, não se reflete no crescimento sustentado dos indicadores desportivos de referência. E isso deve ser motivo de preocupação e reflexão.

Porque, para além desta constatação, o desporto enfrenta um futuro com elevado grau de complexidade.

O constrangimento demográfico é porventura um dos seus maiores problemas.

A conjugação da diminuição da fecundidade e do aumento da esperança média de vida afetará não apenas os modelos de emprego, de formação e de segurança social.

Em 2022, Portugal tinha 1,3 milhões de pessoas com até 15 anos. Destes, 51% eram do sexo masculino e 49% do feminino. Em cinco décadas, o País perdeu quase metade dos seus habitantes mais jovens. Atualmente, Portugal é o segundo país da União Europeia com menor proporção de crianças e jovens na sua população. Este valor é apenas superado pela Itália. Por oposição, a Irlanda é o país mais jovem da UE (cerca de um quinto da população tem menos de 15 anos). De um modo geral, toda a organização da sociedade, tanto nas instâncias do trabalho como do lazer, da saúde e da educação, como dos equipamentos sociais, será afetada por uma população cuja estrutura etária é, previsivelmente, nos próximos dez anos, traduzida por uma relação de 20% por segmento até 20 anos de idade, para mais de 30% por segmento acima dos 60 anos.

Sendo uma tendência comum à generalidade dos países europeus reveste-se em Portugal, dado o seu número reduzido de habitantes, de uma configuração especialmente preocupante.

Se acrescentarmos uma significativa emigração da população jovem ocorrida nos últimos anos, na procura de condições de vida e de empregabilidade que o País não consegue garantir, estamos perante um problema de enormes dimensões.

É inevitável que à mudança de estrutura demográfica da população correspondam mudanças de atitudes, nos valores e nas representações do desporto vigentes no quadro geral da sociedade.

As procuras desportivas serão, inevitavelmente, um painel de reflexo dessa transformação no plano quantitativo e qualitativo, e tenderão a acompanhar as alterações ocorridas na matriz identitária que moldou o conceito de desporto e o novo perfil demográfico exigirá uma adaptação

do edifício organizacional. Começar por compreender estas tendências é um primeiro passo para encontrar soluções que desobstaculizem a expressão e o desenvolvimento do desporto como facto cultural e como prática de excelência no contexto da sociedade portuguesa.

Daí que importe reconhecer os novos significados que o desporto representará para todos, os praticantes e os não praticantes, os beneficiários e os contribuintes do investimento social que o próprio desporto constitui e implica.

O desporto entendido como bem público cujos enormes benefícios se estendem bem para além do indivíduo que pratica esta atividade – e por isso objeto de apoio público e consagrado constitucionalmente como direito de todos os cidadãos – carece de ajustar o seu modelo de desenvolvimento às circunstâncias e dinâmicas sociais atuais.

Para que isso ocorra precisamos de estar melhor informados. Não é possível assumir estas exigentes responsabilidades, procurar inverter as circunstâncias e superar os condicionalismos que nos tolhem sem uma decisão informada, baseada em factos e análises rigorosas, nos diversos âmbitos de intervenção. Desde os atletas, aos treinadores, aos juizes ou aos dirigentes.

O défice de dados, informação e investigação atualizada representa uma das nossas maiores debilidades. O impacto de opções baseadas no conhecimento sensível, ou na perceção pela experiência adquirida, marca a ténue diferença que separa o sucesso do fracasso. E isso tanto vale para o atleta que se prepara diariamente com o seu treinador, como para o dirigente que tem de tomar decisões estratégicas para o futuro da sua organização ou das políticas que conduz.

Não podemos navegar em sensibilidades e impressões que avulsamente recolhemos através das experiências que vamos acumulando em diversos contextos da nossa vivência desportiva, em diversas modalidades, em diversas organizações, em diversos cargos.

Sempre que recrutamos esse conhecimento sensível, carente de fundamento factual ou científico, para suportar os argumentos com que defendemos as nossas perspetivas, o risco de insucesso é elevado.

Como o é tendermos naturalmente a recrutar supostos exemplos de

sucesso de outras latitudes como panaceia para os problemas, naturalmente específicos, da nossa realidade.

O desenho de políticas, a definição de orientações estratégicas, metas, objetivos e resultados e a planificação de programas desportivos necessitam de se fundar em factos e basear-se em diagnósticos aturados do contexto presente. De como chegámos até ele e quais os cenários que se projetam para o futuro imediato e mais longínquo.

Para isso é vital aprofundar os laços entre o desporto e a academia. Quebrar as barreiras que comprometem essa relação exige do sistema desportivo a capacidade de se abrir ao exterior. Requer do sistema universitário a valorização do desporto enquanto objeto de estudo.

Esta aproximação entre a comunidade científica e as instituições socialmente melhor posicionadas para apoiarem a missão das instituições de ensino superior e investigação dedicadas às Ciências do Desporto reclama a continuidade desta área com autonomia própria no sistema científico nacional.

Reconheçamos, contudo, que é mais fácil o enunciado epistemológico que a sua concretização. Pelo que se torna necessário encontrar uma solução que seja capaz de acolher medidas de melhoria da situação.

É da maior importância convencer à luz de argumentos racionais e factuais os mais altos decisores políticos para a necessidade de serem promovidos ambientes e arquiteturas interinstitucionais capazes de proporcionar a continuidade e sobretudo o não desperdício dos proveitos da última década. O desenvolvimento do desporto em Portugal necessita de recursos humanos mais qualificados que sustentem melhores práticas de intervenção e melhor organização estrutural e funcional.

Fundamentalmente, exige concertação entre as partes para verter o conhecimento científico produzido ao serviço do desporto, como fator crítico para a sua mudança e o desenvolvimento.

No contexto de austeridade que hoje atravessamos não é desejável desperdiçar recursos em investigações e trabalhos científicos que se esgotam nos muros da Universidade.

É impossível continuar a viver na utopia que o caminho para a excelência

se traduz apenas no aperfeiçoamento da relação treinador-atleta em horas de prática num pavilhão, numa pista ou piscina, dispensando o acompanhamento permanente e concertado de uma plêiade de competências técnico-científicas desde os níveis mais elementares da sua preparação.

Ou, de tempos a tempos, solicitar a avaliação do processo de treino e o aconselhamento pontual de um especialista, para corrigir desvios de percurso.

Caros Convidados,

Mandam os costumes da Academia e exige a tradição que dirija algumas palavras nesta cerimónia solene. Cumpro o preceito, neste ato que hoje reúne em sessão pública, na presença do mais alto magistrado da nação, o claustro universitário, seguro da necessidade de engenho para traduzir por palavras tudo o que esta cerimónia representa.

A palavra primeira é de gratidão a V. Ex^a, Magnífico Reitor, e na sua pessoa a todos os Doutores e demais intervenientes que, nas várias instâncias da Universidade de Lisboa, entenderam justificado conceder-me este título de Doutor *Honoris Causa*.

Simboliza que a Universidade olha o mundo à sua volta e traz para o seu seio protagonistas que entende considerar como seus pares, pois ser Doutor é atingir o mais elevado grau da nossa Academia, por aqueles cujos méritos de carreira, docente ou de investigação, se destacam.

É um momento de alegria, uma alegria partilhada com todos os que acompanharam o meu percurso académico, profissional e desportivo, mas é também um ato carregado de enorme responsabilidade figurar na galeria de personalidades notáveis e nomes incontornáveis da nossa história a quem a Universidade de Lisboa atribuiu este grau, nomeadamente perante o Presidente da República do meu País, que saúdo e a quem penhoradamente agradeço a presença. Recebo, por isso, esta homenagem, na casa onde me graduei em 1975, muito honrado por tão elevado galardão, justificado muito mais pela vossa generosidade do que pelos meus méritos.

A minha segunda palavra é de reconhecimento ao Prof. Doutor Carlos Neto, que teve a seu cargo o pesado ónus de, na minha pessoa e no meu currículo, vislumbrar méritos bastantes para justificar, perante tão

exigente assembleia e renomada universidade, a concessão do título de Doutor *Honoris Causa*.

Reconhecimento, meu Caro Professor Carlos Neto, pela mestria do saber e excelência de um percurso ímpar que me orgulho de acompanhar e se antevia nos primórdios de um percurso que há mais de cinquenta anos iniciámos nesta escola – então Instituto Nacional de Educação Física – impressivamente expresso na oração aqui proferida, cujo brilhantismo da prosa logrou realçar a modéstia de atributos e predicados do homenageado.

“Um país pode considerar-se realmente desportivo quando a maior parte dos seus habitantes sente o desporto como uma necessidade pessoal”

O momento seminal de Coubertin, fundador do Olimpismo moderno, baseou-se nesta visão. Como já referi, para ele, a cisão cartesiana entre corpo e mente tratava-se de um imenso erro cujas consequências científicas e sociais eram quase impossíveis de calcular.

Porventura hoje, em Portugal, já não serão tão difíceis de avaliar.

À ciência, ao saber, ao conhecimento profundo e à investigação cabe um inestimável contributo para, nos dias que correm, reverter esta tendência e se voltar a afirmar que o carácter é forjado primeiramente pela forma como se educa o corpo, pois o corpo que pensa e a mente que age são unos e indivisíveis.

Com efeito, os problemas de literacia motora e desportiva, expressos na situação desportiva nacional, expõem a necessidade de construir uma matriz conceptual para o desporto, em Portugal. O desporto entendido como bem público, cujos enormes benefícios se estendem bem para além do indivíduo que pratica esta atividade – e por isso objeto de apoio público e consagrado constitucionalmente como direito de todos os cidadãos.

Também, por isso, serei devedor de um tributo e passo agora a ter uma enorme responsabilidade: o de estar à altura de saber honrar esta distinção.



4.3

DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

MARCELO REBELO DE SOUSA

Senhor Presidente da Câmara Municipal de Oeiras,
Senhor Secretário de Estado do Desporto,
Senhores Deputados,
Excelências, Membros do Governo, Presidentes,
Dirigentes das várias áreas do Desporto,
Senhor Diretor desta Faculdade,
Senhor Presidente e Secretário-Geral, caríssimo colega,
Professor Carlos Neto,
Caros colegas Professores,
Caros colegas funcionários,
Caríssimos colegas,
Caríssimo e muito único novo colega, Doutor nesta casa,
desta Universidade, que é a nossa, José Manuel Constantino.

Terminou o novo colega dizendo que esta cerimónia, este dia, vai conosco. Não mais o esqueceremos. Se não disse assim, disse-o de uma forma literariamente muito mais feliz. E é isso mesmo para todos nós e em particular para os mais jovens aqui presentes. Assistirão ao longo da vossa vida a muitas cerimónias de atribuição de um título que é um título de reconhecimento, de honra, de homenagem, de gratidão, Doutor *Honoris Causa*. Mas será difícil que possam testemunhar uma cerimónia tão inesquecível como esta. Tão inesquecível porque aqui estivemos a ouvir o testemunho, primeiro, de quem com ele conviveu dia após dia, durante uma vida inteira, com a proximidade que nenhum de nós jamais teve ou terá, mas, sobretudo, depois tivemos esse momento singular que é ouvir o testemunho do próprio contar a sua vida, que é a vida de Portugal, que é a vida do Mundo, desde meados do século passado até ao dia de hoje.

Não se separam, estão intimamente ligados. E, portanto, hoje é um dia de festa a vários níveis. É um dia de festa da Universidade. Cada vez que entra um novo doutor, seja pelo percurso clássico, seja pelo percurso

próprio que é o clássico mais o percurso de toda a sua vida, como é o Doutor *Honoris Causa*, vive-se um dia de festa para a Universidade, mas no caso do Doutor José Manuel Constantino vive-se a sua vida. E se há uma parte da sua vida em que é, como já viram, muito racional, muito racional – eu estava estupefacto porque ele ia controlando o tempo da sua intervenção... não notaram esse pormenor – com o aquele rigor a que sempre nos habituou... estes dez anos que devotou à Universidade, diz ele, não são dez anos, foi toda a vida. Ele foi sempre universitário. Mesmo noutras atividades, mesmo noutras áreas da sua riquíssima contribuição para a sociedade portuguesa. Foi sempre o estudioso, o investigador, o pesquisador, o formador, o teorizador, e sempre que possível também [ajudou] a quem acompanhava ou tentava acompanhar a aplicação das suas ideias.

Não sei como aconteceu isso naquela cadeira, obviamente por injustiça do professor, por distração, por ser um daqueles colegas que temos muitos, para os quais a visão da Universidade é uma torre de marfim, se possível distante da realidade, para poder ser teoria pura, mas, como sabem, isso caiu em desuso. Já são muito poucos, aliás, recomendáveis e vários deles admiráveis, mas para equilibrarem uma realidade universitária até muitíssimo mais rica. Viveu sempre como universitário, enquanto esteve aluno, enquanto esteve professor, enquanto esteve nessa sua outra vida, a estudar, a publicar, a doutrinar. É, portanto, um dia de festa para a Universidade. É bom termos universitários assim. Não sei se são melhores ou piores do que os outros, são diferentes e nessa sua diferença vai a sua mais-valia. Depois, um dia de festa para o Desporto. Dedicou a sua paixão, disse-o o Prof. Carlos Neto, ao Desporto, e ao Desporto no sentido mais global e completo do termo. Para si, o Desporto, explicou-o tão bem, é mais do que cada uma das dimensões do Desporto, é legítimo que elas existam, dimensões mais de realização pessoal, mais lúdicas, mais de ponte com a sociedade, mais de exercitação daquilo que é cada vez mais uma visão integral do espírito e do corpo, e dentro do espírito com a inteligência emocional, com a decisão emocional, com a emoção irracional, a sua riqueza, mas ao mesmo tempo muito sensível às outras componentes, ao contexto envolvente.

Deu-nos aqui uma lição impressionante do panorama demográfico português. Nós sabemos-lo, não o recordamos todos os dias porque seria muito penoso. Mas sabemos-lo. Aplicou-o ao desporto, mas podia aplicar-se a tudo o resto da vida da sociedade portuguesa e, infelizmente, cada vez mais sociedades europeias, inclusive aquelas que eram mais jovens

e estão a envelhecer aceleradamente, e como isso altera a realidade do desporto.

É evidente que há outros fatores, que também são demográficos, como as migrações, que são importantes para contribuir para essa alteração. Ou como a circulação crescente entre espaços. Olhamos para as nossas seleções, as nossas equipas, e vemos como é muito importante o contributo de nacionais, mas como também é importante o contributo de nacionais não residentes em território nacional, ou de não nacionais de origem, mas que aderiram ao projeto nacional português. Há toda uma modificação em curso, mas do ponto de vista etário é verdade que em 50 anos aqueles de nós – o nosso novo Doutor José Manuel Constantino, eu próprio – que eramos jovens, então, envelhecemos o que envelhecemos nesses 50 anos, acompanhámos ou fomos de alguma maneira indicador do processo da sociedade portuguesa. No tempo dos anos 60, vivemos a Universidade, eramos jovens e a sociedade portuguesa era jovem, e depois foi menos jovem nos 70, nos 80, nos 90, na viragem do século, e isso depois espalhou-se a várias outras sociedades e é um problema que o desporto não pode ignorar.

Mas a sua preocupação com o desporto foi muitíssimo mais além. O que publicou cobre praticamente todas as dimensões do desporto. E, mais importante, influenciou o desporto português. O desporto português aprendeu consigo. Aprendeu a perceber a importância das condições económicas e sociais, no desporto. Aprendeu a perceber a importância do Poder Local no desporto. Aprendeu a perceber que o desporto é um bem público mesmo nas sociedades mais liberais, por esse mundo fora. Aprendeu a perceber que um bem público significa um reconhecimento jurídico, mas, mais do que isso, políticas públicas. É um outro desporto. Nós que nos recordamos como era visto o desporto na transição para a democracia, no começo da democracia, no final do século passado e na transição para este século, perceberemos como mudou e mudou largamente com o seu contributo.

Mas é também hoje uma festa do espírito olímpico. O desporto mudou, também em Portugal, pela sua mão, como porta-voz do espírito olímpico, antes mesmo de ser presidente do Comité Olímpico de Portugal. Como compreendeu que o espírito olímpico podia ser mais internacionalista, mais aberto, mais global, mais pacífico, mais tolerante, mais dialogante e, portanto, mais democrático, mais pluralista, mais progressista. E é um traço comum a estas três festas, que é uma das suas características

DE LISBOA PARA O MUNDO



marcantes. Tem tantas características excepcionais que é difícil selecionar algumas. Mas eu diria duas: o caráter e o espírito progressista. O caráter, às vezes intratável... ligeiramente intratável... ligeiramente intratável... mas ainda bem que sim... sabendo enfrentar as situações mais difíceis, com a mesma hombridade, a mesma verticalidade, e com a mesma dureza, se quiser determinação. E depois o espírito progressista no sentido de virado para o futuro. Sempre virado para o futuro.

A sua lição de hoje foi uma lição de futuro, não foi uma lição do passado. O passado foi o álibi para poder agradecer as palavras do seu colega e amigo de sempre, Carlos Neto, para nos fazer recordar tantos momentos que partilhámos consigo e para mostrar que estava de ótima memória, porque no fundo o que nos quis falar foi de futuro. E esta foi uma festa de futuro. E é tão raro, porque normalmente os doutoramentos *Honoris Causa* homenageiam o passado, olhando para o doutorado como se ele fosse só passado e já muito pouco ou nada futuro. Consigo é exatamente o contrário. Exatamente o contrário. Todos os dias se recria a si próprio. Todos os dias. Todos os dias começa como se fosse o primeiro dia. Todos os dias abre a janela, olha para fora e diz: “Eu quero é pensar e construir o futuro.” E define as suas metas... e não faltam metas. Não faltam metas do reconhecimento do desporto como bem público. Não faltam metas no seu objetivo de ir mais longe nas políticas públicas. Não faltam até metas concretas, olímpicas, daqui a poucos meses. Espero que pense nelas. Que nós pensamos e estamos descansados, porque sabemos que está a pensar nelas. Daqui a um mês, daqui a dois meses, três meses, daqui a quatro meses, cinco meses. Foi assim que nos habituámos a vê-lo. Não escapa de nós, mesmo naquela frase tão justa, a dizer “levamos connosco”, levamos, mas ficamos. Leva consigo a memória deste dia, mas fica por muitos mais dias. É esse o pacto firmado neste Doutorado *Honoris Causa*. Não é vir aqui celebrar o seu passado, recordar o seu passado e libertá-lo do seu futuro. Não o libertamos. Não liberta o Magnífico Reitor, não liberta o Diretor, não liberta o Professor Carlos Neto, não liberta nenhum dos presentes. Nós estamos aqui a apostar no seu futuro. É por isso que teve o Doutorado *Honoris Causa*.

Uma festa, uma festa de Portugal. Não era possível ter Portugal todo aqui, mas ele está todo aqui. Está todo aqui, como está todo cada vez que há uma medalha olímpica que é ganha. Está todo aqui como cada vez que parte uma seleção olímpica, de tantos em tantos anos. Está todo aqui de cada vez que os presidentes das federações sabem que podem

contar consigo, a sua exigência, o seu rigor, para terem mais, muito mais para o futuro. Está todo aqui na motivação dos jovens, que sabem que têm um jovem à frente da aventura. E que é jovem há mais tempo do que eles são, e vai ser em muitos casos mais tempo do que eles serão. Eles cessarão, e muitos cessaram já, a sua atividade desportiva mais ativa e o meu querido amigo não cessou a sua. Vigilante, a cada momento, firme, a cada momento. Por isso é que Portugal, em 2016, o condecorou com a Comenda do Infante D. Henrique, por isso é que o ano passado o condecreei com a Grã-Cruz da Instrução Pública. Por isso é que me parece que não escapa, mais dia menos dia, a outra condecoração. Houve que guardar alguma a pensar no seu futuro. Porque sabemos as partidas que nos prega. E gosta de pregar, de vez em quando dar a entender que está cansado dessa sua aventura e dizer 'vou descansar'. Não pode descansar. Nunca descansou na vida. A sua vida foi feita de canseiras ao serviço de Portugal e por isso eu aqui estou para lhe agradecer em nome de Portugal, esse passado de canseiras, mas apostado num futuro de canseiras por Portugal!

FICHA TÉCNICA

Coordenação e revisão
António Varela

Design e produção gráfica
Estrelas de Papel Lda. - Lisboa

Tiragem
500 exs.

ISBN: 978-989-35575-0-1
Depósito Legal: 528227/24
Fevereiro 2024

TÍTULOS ANTERIORES

1. A sustentabilidade competitiva do desporto português
2. O desporto e o constrangimento demográfico
3. Programa de Preparação Olímpica
4. Desporto, crescimento económico e emprego
5. A Igualdade de género no desporto
6. O desporto na descolonização portuguesa
7. O Legado axiológico dos Jogos Olímpicos
8. Código de Ética. Comité Olímpico Internacional
9. Desporto e segurança. Olimpismo e paz
10. Ciências do Desporto. Contributos para o rendimento desportivo
11. Violência, segurança e prevenção de risco no desporto
12. Jogos Olímpicos de Berlim 1936. Racismo, política e xenofobia
13. Atletas, pais e treinadores. Dinâmicas promotoras do sucesso
14. Formação de treinadores. Uma reflexão para Portugal
15. Os Jogos Olímpicos e a Filatelia Portuguesa
16. Toponímia Olímpica em Portugal
17. Um pouco de ética para desportistas: autênticos e de bancada

